

DE CICLOS DE VIDA A ITINERÁRIOS: AS VASILHAS CILÍNDRICAS TRÍPODES DE KAMINALJUYU, GUATEMALA

FROM LIFE CYCLES TO ITINERARIES: CYLINDRICAL TRIPOD VESSELS FROM KAMINALJUYU, GUATEMALA

Fernando Pesce¹

Pedro Paulo Funari²

RESUMO: O artigo busca apresentar as trajetórias das vasilhas cilíndricas trípodes recuperadas durante as escavações dos Montículos A e B em Kaminaljuyu, Guatemala. Partimos da metáfora presente na exposição *Ciclos de Vida en Kaminaljuyu* para refletir sobre teorias e métodos acerca da circulação das coisas em diferentes temporalidades, lugares e contextos históricos. Nos valemos do conceito de itinerário dos objetos, elaborado por Rosemary Joyce e Susan Gillespie, para refazer as trajetórias dessas vasilhas ao longo do tempo. Em contextos funerários no passado pré-hispânico, observamos seu uso ritual e simbólico. Do mesmo modo, buscamos perceber como esses objetos são ressignificados a partir da recuperação arqueológica e posterior musealização. Busca-se demonstrar o papel mediador dos artefatos ao longo do tempo.

¹ Doutorando em História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Bolsista CAPES (Proc. nº 88887.499985/2020-00). E-mail: fernandopesce@gmail.com. ORCID: 0000-0003-2124-439X.

² Professor Titular do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: ppfunari@uol.com.br. ORCID: 000-0003-0183-7622.

Palavras-chave: Kaminaljuyu; Maias; Teotihuacan; vasilhas cilíndricas trípodes; itinerário dos objetos;

ABSTRACT: This paper seeks to present the trajectories of cylindrical tripod vessels recovered during the excavations of Mounds A and B in Kaminaljuyu, Guatemala. Starting from the metaphor present in the exhibition “Ciclos de Vida en Kaminaljuyu”, we consider on theories and methods about the circulation of things in different temporalities, places, and historical contexts. Using the concept of object itineraries, developed by Rosemary Joyce and Susan Gillespie, we will retrace the trajectories of these vessels over time. In funerary contexts in the pre-Hispanic past, we observe their ritual and symbolic use. Likewise, we aim to understand how these objects are re-signified after their archaeological recovery and later musealization. This article seeks to demonstrate the mediating role of artifacts over time.

Keywords: Kaminaljuyu; Maya, Teotihuacan; cylindrical tripod vessels; object itinerary;

INTRODUÇÃO: PERSPECTIVAS, ANIMAÇÃO, ITINERÁRIOS

Não se pode enxergar, a não ser a partir de uma perspectiva. De perspectivas, já que mudamos de posição. Essa constatação empírica da mais elementar nem sempre é levada em devida conta, sem que se nos apercebamos da inevitável subjetividade dos pontos de vista. Eduardo Viveiros de Castro (1996), antropólogo bem atento a como o mundo muda não só em si, mas a partir das percepções, tem desenvolvido o tema do perspectivismo ameríndio, na esteira do seu mestre Roberto DaMatta (1981). Tudo é cultura, arbitrário, particular, diverso. Em tempos de considerar que todos os seres humanos são competitivos, em busca de maximizar os lucros e minimizar os esforços, como se o capitalismo fosse não tanto o ápice, mas a quintessência da humanidade desde sempre, o perspectivismo permite questionar tais pressupostos. Os ameríndios fornecem imenso cabedal para questionar tais axiomas e dogmas.

O princípio da vida, também designado por anima, alma, presente nas palavras animal, animado, animação, não parece coadunar bem com certas concepções e práticas correntes, infensas à animação, mas tristes e destruidoras, tão presentes no mundo e no Brasil hoje. A alma, claro, sempre está no que se move em si, de plantas a animais, mas também, de fora para dentro, como na alma do lugar. Nesse segundo sentido, os objetos, por mais inanimados ou imóveis que possam ser em si, podem ser animados pela vida de quem lhes dá vida. Este o sentido último de vida dos objetos. Claro, em si, os objetos não mudam por si mesmos, mas mesmo quando não o são por si, são-no pelos outros, com os quais interagem. Se vivem, caminham, movem-se por si ou pela ação de outros. Um objeto encontrado volta à vida e passa a novos percursos de interação. Itinerário, termo usado para descrever essas andanças, remonta ao sentido de *iter* (*itineris*, no genitivo), caminho: o objeto imóvel ou fixo, inanimado, adquire de novo alma ao entrar em novos percursos, caminhos ou itinerários. Neste artigo, vamo-nos voltar para o tema da vida de objetos arqueológicos no contexto ameríndio, mas também em suas vidas pósteras: animadas por todas as pessoas em interação, em diferentes contextos, com tais artefatos.

O tema deste estudo de caso leva-nos, ainda, a outro aspecto que se nos apresenta como de particular relevância: a arte não-ocidental. Tomamos tantas vezes arte em seus sentidos restritos, como apanágio de poucos e, em particular, dos vencedores, do Ocidente. Nesta ocasião, voltamo-nos para a arte não ocidental, tomada arte em suas múltiplas acepções: animada, artesanal, anônima ou coletiva. Os maias não constituem senão um caso, mas nem por isso menos importante, tanto por seu passado, como por sua posteridade, como veremos neste artigo. Iniciamos com considerações teóricas, de perspectivas, para retomarmos tanto o termo grego, teoria (=perspectiva, o que se vê), como suas releituras perspectivistas. Esperamos que, ao final, quem ler este artigo saia mais embebido da vida que transborda num simples artefato.

DE CICLOS DE VIDA A ITINERÁRIOS

Desde o final de outubro de 2015 e por todo o ano de 2016 esteve em cartaz no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia da Guatemala (MUNAE) a exposição temporal *Ciclos de Vida en Kaminaljuyu* (Fig. 1). Com mais de 150 artefatos arqueológicos em exibição, apresentava traços importantes da cultura

e sociedade que se desenvolveu no vale da Guatemala há quase três mil anos. A expografia concebia a antiga cidade pré-hispânica por meio da metáfora de um ciclo de vida biológico.

Kaminaljuyu está entre os mais importantes e maiores centros urbanos das Terras Altas Centrais da Guatemala durante o período pré-hispânico. Seu nome é uma atribuição moderna que, em língua *kaqchiquel*, significa “colina dos mortos” e faz referência aos montículos funerários descobertos na primeira metade do século XX (Kidder, Jennings & Shook, 1942, p. 7). Pouco restou das ruínas dessa antiga cidade, hoje sob a atual Cidade da Guatemala. Das 230 estruturas que se conhece a partir de prospecções realizadas desde o final do século XIX, apenas 42 sobreviveram até nossos dias, dado o crescimento urbano desenfreado que destruiu a maioria dos vestígios arqueológicos (Schavelzón & Rivera Grijalba, 1987; Crasborn Chavarría, 2006).

Figura 1 – Exposición “Ciclos de Vida en Kaminaljuyu”, Museo Nacional de Arqueología y Etnología, Guatemala.



Fonte: (Fotografia: Fernando Pesce, 2016).

A ocupação da cidade estende-se desde o ano 1000 a.C., quando se estabelecem os primeiros assentamentos às margens do Lago Miraflores, até o abandono do sítio ao final do período Clássico (900 d.C.). Durante esse período de quase dois mil anos,

entre fases de grande expansão e encolhimento, Kaminaljuyu se converteu em um grande centro regional, que exercia controle sobre importantes recursos naturais, em especial as fontes próximas de obsidiana, e que participava de rotas de intercâmbio com regiões adjacentes e distantes (Foias, 2001; Shook & Hatch, 1999).

A exposição *Ciclos de Vida en Kaminaljuyu* estava dividida em cinco áreas temáticas: água, vida cotidiana, intercâmbios, relações políticas e morte. Tal qual a vida biológica que, em sua imensa maioria, dependeu da água para seu surgimento, essencial para as funções orgânicas, a metáfora da expografia ressaltava esse elemento como primordial para o desenvolvimento de Kaminaljuyu. Observava-se, na exposição, a presença de tubulações de barro para o manejo hidráulico, fundamental para a agricultura durante o período Pré-Clássico (1000 a.C. – 250 d.C.). Ademais, atestava-se a importância simbólica da água para os habitantes da cidade, que incorporaram temas da fauna lacustre em sua cultura material. Peixes, batráquios, jacarés e crustáceos aparecem na iconografia de vasos cerâmicos, artefatos líticos e esculturas em barro e pedra (Fig. 2).

Figura 2 – *Tigelas e almofarizes zoomorfos. Kaminaljuyu, Período Pré-Clássico Tardío 200 a.C. – 200 d.C., “Ciclos de Vida en Kaminaljuyu”, Museo Nacional de Arqueología y Etnología, Guatemala.*



Fonte: (Fotografia: Fernando Pesce, 2016)

A fase seguinte dessa metáfora se manifestava, na exposição, nos objetos de uso cotidiano que davam testemunho da vida na cidade. Utensílios cerâmicos de uso doméstico e ferramentas da população comum estavam representados por almofarizes, instrumentos para fiar, selos de barro, navalhas e núcleos de obsidiana. Na sequência, os intercâmbios com outras regiões foram retratados pela presença de conchas provenientes da Costa do Pacífico, assim como objetos cerâmicos, frutos do intercâmbio de ideias e objetos com o centro do México e as Terras Baixas Maias.

Ainda no mesmo curso, se observava a vida política da cidade por meio de monumentos de pedra que simbolizavam o poder político e religioso no sítio, com retratos de governantes e deidades. Também estavam ali os ricos atavios em jade dos senhores de Kaminaljuyu, recuperados de contextos funerários das elites do sítio (Fig. 3).

Figura 3 – Vasilhas cerâmicas em estilos estrangeiro e objetos de jade recuperados dos Montículos A e B de Kaminaljuyu. “Ciclos de Vida en Kaminaljuyu”, Museo Nacional de Arqueología y Etnología, Guatemala.



Fonte: (Fotografia: Fernando Pesce, 2016).

Por fim, a última área temática - e desse ciclo de vida - era dedicada à morte. Oferendas funerárias e a impressionante recriação de uma das tumbas encontradas no sítio, com todo o mobiliário funerário e atavios que acompanhavam o ocupante principal (Fig. 4). Contudo, o fim não chegaria como nas concepções dos antigos habitantes de Kaminaljuyu sobre a morte, materializadas nos rituais reproduzidos no referido diorama, mas sim com o decesso da própria cidade. O texto informativo da exposição narrava o abandono do sítio e a rápida destruição dos montículos em tempos modernos. Chegava ao fim o ciclo de vida da antiga cidade no discurso da exposição.

Figura 4 – Reprodução da Tumba IV, Montículo A, Kaminaljuyu. “Ciclos de Vida en Kaminaljuyu”, Museo Nacional de Arqueología y Etnología, Guatemala.



Fonte: (Fotografia: Fernando Pesce, 2016)

A metáfora proposta pela exposição nos dá a chance de pensar caminhos metodológicos para os artefatos ali apresentados. Dentro da Arqueologia e Antropologia, a chamada “virada material” teve êxito em trazer os objetos para o lugar de destaque dentro das investigações que, a partir de orientações teóricas variadas, buscaram considerar as mais diversas relações

existentes entre coisas e pessoas. A arqueóloga Lynn Meskell (2013) caracteriza essa tendência nos estudos de cultura material como uma nova maneira de pensar os objetos e a partir deles, pois eles seriam o lugar de histórias, políticas, representações e significações. Da mesma forma, Tim Ingold (2011) propõe que as propriedades materiais das coisas não são atributos fixos, mas histórias que podem variar de acordo com o envolvimento destas com a totalidade dos ambientes ao seu redor, de igual maneira para humanos e não-humanos. Por sua vez, Ian Hodder (2012) observa que mesmo as diferentes perspectivas convergem na ideia de que coisas e humanos constituem um ao outro mutuamente, estando emaranhadas em uma rede de interações.

Parte desse emaranhado pode ser observado por meio da circulação dos objetos que, a partir da metáfora de uma vida social das coisas, fornece uma das possíveis ferramentas para adentrar em seu contexto material e simbólico. Na Antropologia Social, Igor Kopytoff (2008, p. 94) foi o primeiro a delinear o conceito de uma biografia cultural das coisas, cujo foco seria encarar o objeto como uma “entidade culturalmente construída”, ou seja, como as coisas passam por mudanças de acordo com os diferentes contextos culturais a que vem fazer parte. Para fazer a biografia de uma coisa, Kopytoff (2008, p. 92) propõe que se estabeleçam as “idades” ou “fases” de sua vida, de maneira análoga à dos seres humanos. No caso de objetos como, por exemplo, um vaso cerâmico, se buscaria equalizar o nascimento à fabricação, seu período de uso à vida e seu descarte à morte.

De fato, na Arqueologia, a proposta biográfica de Kopytoff teve relativa influência e segue, até hoje, como uma maneira de lançar luzes sobre como as interações sociais entre pessoas e coisas criam diferentes significados ao longo do tempo (Gosden & Marshall, 1999; Joy, 2009). No entanto, procurou-se adequar e expandir o conceito biográfico para o contexto arqueológico. Christopher Gosden e Yvonne Marshall, que editaram um número da revista *World Archaeology* dedicado ao tema da biografia cultural dos objetos, apontam para a maneira como as histórias de seres humanos e dos objetos estão relacionadas. De modo particular, ressalta-se que “pessoas e objetos acumulam tempo, movimento e mudança, eles são constantemente transformados, e essas transformações de pessoas e objetos estão amarradas umas às outras” (Gosden & Marshall, 1999, p. 169). Essa interação entre humanos e não-humanos se daria em contextos específicos e, a depender deles, novos significados se acumulariam nos objetos.

Ainda que Kopytoff (2008/1986) enfatizasse que as coisas são culturalmente definidas e ressignificadas em diferentes contextos, o foco de seu trabalho residia nas esferas de troca, mercantilização, singularização e sacralização de humanos e não-humanos. Já Gosden e Marshall (1999) evidenciam que o contexto cultural onde o objeto foi produzido - ou, porventura, veio/vem a pertencer - seria o lócus onde novos significados e histórias são atribuídos. Desse modo, o objeto em questão não precisa, necessariamente, se mover entre as pessoas ou ser modificado fisicamente, pois o contexto seria o responsável por criar significados. Assim, fatores diversos como a participação dos objetos em performances seriam centrais para suas biografias.

A metáfora biográfica, quando confrontada com o registro arqueológico, pode apresentar obstáculos que dificultam sua aplicação metodológica. Jody Joy (2009) ressalta que a qualidade da informação disponível no contexto arqueológico pode não ser suficiente para reconstruir uma biografia completa já que, em muitos casos, os arqueólogos encontram o objeto no momento em que sua utilidade já chegou ao fim. Assim, seria necessário o procedimento metodológico reverso para expor sua trajetória até então. Acrescenta-se a isso as observações de Cornelius Holtorf (2002) sobre a prática arqueológica, em que atividades como a descoberta, resgate, análise, interpretação, salvaguarda e exibição de artefatos são parte integral da história de vida dos objetos no momento presente.

Do mesmo modo, integram os estudos sobre a biografia dos objetos as teorias que atribuem agência social aos não-humanos. Arjun Appadurai (2008, p. 17) advertia para a divisão, no senso comum ocidental, entre pessoas e coisas e que, em muitas sociedades “as coisas não estavam tão divorciadas da capacidade das pessoas de agir e do poder das palavras de comunicar”. Alfred Gell (1998) advogou pela agência relacional que se estabelece entre humanos e não-humanos em determinados contextos. Por certo, Gell também sugere como mesmo em nossa sociedade ocidental atribuímos agência a carros, imagens, edifícios e outros não-humanos. À vista da teoria de Gell, Jody Joy (2009) propõe pensar a biografia dos objetos como a soma das relações sociais que o constituem. Dessa maneira, a biografia refletiria uma série de conexões onde o objeto está simultaneamente ativo em certos grupos de relações sociais e inativo em outros pontos no tempo e espaço.

Para nosso estudo de caso apresentado abaixo é importante salientar que indícios linguísticos e etnográficos apontam que os povos da Mesoamérica acreditavam que a matéria animada poderia associar-se aos humanos (Houston, 2014). Ao observar representações de governantes na arte maia do Período Clássico (250 d.C. – 950 d.C.), Stephen Houston e David Stuart (1998) propõem que o ato de esculpir, modelar ou pintar transferia agência à coisa formada. Para o caso específico de Kaminaljuyu, Lucia Henderson (2013) sugere que os monumentos do sítio devem ser compreendidos como seres dotados de agência, que ativamente modelavam o mundo ao seu redor. Ademais, se observa que muitas dessas esculturas foram destruídas intencionalmente em tempos antigos, deslocadas e reutilizadas em contextos posteriores (Henderson, 2013; Shibata, 1994).

As arqueólogas Rosemary Joyce e Susan Gillespie (2015) buscaram readequar o conceito de biografia dos objetos diante de outras ontologias que não dissociam coisas e pessoas. Uma de suas principais críticas reside na proposta inicial de Kopytoff em equalizar a trajetória de um objeto às fases de uma vida biológica, julgada como antropocêntrica, assim como na suposição que a integridade física é essencial para a vida de dado objeto (Joyce & Gillespie, 2015). Como se observou no caso supracitado das esculturas de Kaminaljuyu, objetos ou conjuntos de objetos (Gillespie, 2015) podem ser deslocados, modificados e fragmentados, o que resulta em narrativas não-lineares de suas trajetórias.

De modo a contornar essas questões, Joyce (2015) propõe uma nova metáfora: a do itinerário dos objetos. A elaboração parte das ideias de Michel de Certeau (2014), para quem o itinerário ou rota organiza movimentos em uma série discursiva de operações, de modo que o percurso se torna o elemento narrativo que condiciona o discurso. Ressalta-se aqui a mobilidade das coisas através do tempo e espaço por meio dessa nova metáfora, que busca capturar as rotas pelas quais as coisas circulam e os diferentes contextos no qual estão ativadas ou desativadas (Joyce & Gillespie, 2015).

Recorrer ao itinerário como método de análise pressupõe considerar as muitas maneiras pelas quais uma coisa pode circular, as transformações culturais e naturais que podem vir a ocorrer e as relações estabelecidas entre objetos e pessoas e entre os próprios objetos ao longo do tempo e espaço (Joyce, 2015). Sem começo e nem fim definidos, itinerários podem

retroagir para antes do momento de manufatura de um artefato, buscando suas fontes de matéria prima e, da mesma forma, se estender além do objeto em si, pois têm o potencial de seguir suas representações através de descrições textuais, desenhos e fotografias (Joyce & Gillespie, 2015; Joyce, 2015).

Ambos os modelos metodológicos, de biografia ou itinerário, têm sido utilizados com sucesso por investigadores de diferentes áreas do conhecimento para elucidar a trajetória de artefatos provenientes de culturas mesoamericanas. Entre eles, podemos citar o trabalho de Byron Hamann (2002) sobre as diferentes perspectivas interpretativas de registros materiais do passado entre os mexica, mixtecos e maias; as trajetórias de esculturas maias dos sítios de Piedras Negras (O’Neil, 2012) e de Kaminaljuyu (Henderson, 2013); a recuperação do contexto arqueológico e subsequentes rotas dos artefatos descobertos na Plataforma das Águias e Jaguares de Chichén Itzá (Grecco Pacheco & Sellen, 2019) e, por fim, para o estudo do mercado de arte mesoamericano (Tremain & Yates, 2019).

Observamos até o momento que acompanhar os artefatos, por meio de suas rotas ao longo do tempo e espaço, nos permite estabelecer conexões entre humanos e não-humanos, além de alcançar seu contexto material e simbólico. Os objetos acumulam histórias e, do mesmo modo, também são responsáveis por transmiti-las. Em contextos antigos, uma das maneiras de captar essas mensagens é pela observação da variedade formal e estilística presente na cultura material, que pode ser associada ao papel dos objetos em transmitir mensagens (Wobst, 1977). Já em contextos modernos, pode-se considerar a recuperação dos objetos por meio da arqueologia, as diferentes interpretações e discursos surgidos a partir deles e, por fim, sua musealização.

A exposição *Ciclos de Vida en Kaminaljuyu* estava repleta de artefatos que, de contextos antigos e modernos, carregam as múltiplas histórias de suas conexões. Muitos dos objetos em destaque na exibição foram recuperados em contextos funerários de dois montículos escavados na década de 1930, durante o primeiro grande projeto arqueológico em Kaminaljuyu (Kidder, Jennings, & Shook, 1946). Por certo, as cerâmicas estavam presentes em grande quantidade e, entre elas, destaca-se a presença de vasilhas com forma cilíndrica trípode, isto é, um corpo cilíndrico apoiado em três suportes (Fig. 5).

Figura 5 – Vasilhas cilíndricas trípodes, Tumba VI, Montículo A. Kaminaljuyu, Fase Esperanza (400 – 550 d.C.). Cerâmica estucada e pintada. Da esquerda para a direita: MUNAE 2494, 2489, 2488, 2487. Museo Nacional de Arqueología y Etnología, Guatemala.



Fonte: (Fotografia: Fernando Pesce, com a autorização do Ministério de Cultura y Deportes de Guatemala, 2016).

Refazer os itinerários dessas vasilhas nos oferece a possibilidade de acompanhar seus diferentes usos em contextos antigos e modernos. Recuperadas de contextos funerários, nos dão a chance de observar essas práticas e os rituais a elas relacionados. Como sua forma está associada a contatos com estrangeiros, podemos conjecturar que tipo de relações as elites de Kaminaljuyu estabeleciam com regiões distantes. Do mesmo modo, quando vistas em conjunto, expõem as ideologias e mensagens que essa elite procurava transmitir. Já em contextos modernos, nos dão a conhecer como, a partir de sua recuperação arqueológica, os objetos são inseridos no discurso museológico e o papel mediador dos artefatos ao longo do tempo.

AS VASILHAS CILÍNDRICAS TRÍPODES DOS MONTÍCULOS A E B DE KAMINALJUYU

Originárias de contextos funerários e rituais e recuperadas durante as escavações realizadas em Kaminaljuyu, as vasilhas cilíndricas trípodes não aparecem em grande quantidade no sítio. Sua ocorrência está limitada às tumbas associadas aos Montículos A e B, assim como nas oferendas 7, 11, e 12 da Palangana (Cheek, 1977a; Kidder, Jennings, & Shook, 1946). Adotamos neste trabalho a cronologia proposta por Edwin Shook e Marion Hatch (1999) para as Terras Altas da Guatemala (Tabela 1). Assim, em termos cronológicos, as vasilhas cilíndricas trípodes ocorrem em um período limitado à fase Esperanza no sítio.

A presença desse tipo de cerâmica em diversas regiões durante o período Clássico é, em geral, interpretada como um forte indício de contato com o grande centro urbano de Teotihuacan (Ball, 1983. Conides 2001. Fash & Fash, 2000. Kidder, Jennings, & Shook, 1946. Nielsen, 2003. Rattray, 2001).

Tabela 1 – Cronologia de Kaminaljuyu

Período	Fase	Datas aproximadas
Pós-Clássico	Chinautla	1200 d.C. – 1524 d.C.
	Ayampuc	900 d.C. – 1200 d.C.
Clássico Tardio	Pamplona	800 d.C. – 900 d.C.
	Amatle	550 d.C. – 800 d.C.
Clássico Inicial	Esperanza	400 d.C. – 550 d.C.
	Aurora	200 d.C. – 400 d.C.
Pré-Clássico Tardio	Santa Clara	100 d.C. – 200 d.C.
	Arenal	300 a.C. – 100 d.C.
	Verbena	400 a.C. – 300 a.C.
Pré-Clássico Médio	Providencia	700 a.C. – 400 a.C.
	Majadas	750 a.C. – 700 a.C.
	Las Charcas	1000 a.C. – 750 a.C.
Pré-Clássico Inicial	Arévalo	1200 a.C. – 1000 a.C.

Nota. Adaptado de “Las tierras Altas Centrales: Periodos Preclásico y Clásico” de E. M. Shook & M. P. Hatch, 1999, p. 291.

Teotihuacan está entre as cidades mais importantes da Mesoamérica durante o período Clássico (Fig. 6). Localizada no Vale do México, a cerca de 50 km da atual capital mexicana, cobria uma área de mais de 20 km² e é possível que tenha excedido o número de 100 mil habitantes (Millon, 1973). Teotihuacan floresceu rapidamente a partir do ano 100 a.C. e seu apogeu se dá entre os anos de 250 d.C. e 550 d.C., época na qual se destaca a grande interação com outras regiões da Mesoamérica, como o

centro zapoteca de Monte Albán, no atual estado de Oaxaca, a Costa do Golfo mexicano, o ocidente do México e a área Maia, onde se localiza Kaminaljuyu (Cowgill, 2015). A cidade entra em declínio em meados do século VII; a evidência arqueológica aponta para a queima de templos e residências das élites e os motivos para o abandono do sítio permanecem indefinidos (Cowgill. 1997; Millon, 1973).

Figura 6 – Teotihuacan, vista da Avenida dos Mortos desde a Pirâmide da Lua.



Fonte: (Fotografia: cortesia de Daniel Grecco Pacheco, 2015).

Seguimos neste trabalho a cronologia proposta por George Cowgill (1997; 2015) para as fases cerâmicas de Teotihuacan (Tabela 2). O estudo mais detalhado sobre a cerâmica do sítio (Rattray, 2001) acompanha, em termos absolutos, a cronologia de Cowgill. As vasilhas cilíndricas trípodes são encontradas em contextos funerários e de descarte doméstico em Teotihuacan desde a fase Miccaotli (100 – 170 d.C.) e seguem em evolução até a fase Metepec (550 – 650 d.C.). Evelyn Rattray (2001) detalha de forma exaustiva as características de cada tipo-variedade cerâmico do sítio e suas transformações ao longo do tempo. Nesta investigação, nos interessa observar a morfologia

das vasilhas cilíndricas trípodes que se relacionam às fases Tlamimilolpa Tardio e Xolapan Inicial, que coincidem, tanto em termos cronológicos quanto em forma e decoração, com os exemplares encontrados em Kaminaljuyu.

Tabela 2 – Cronologia de Teotihuacan

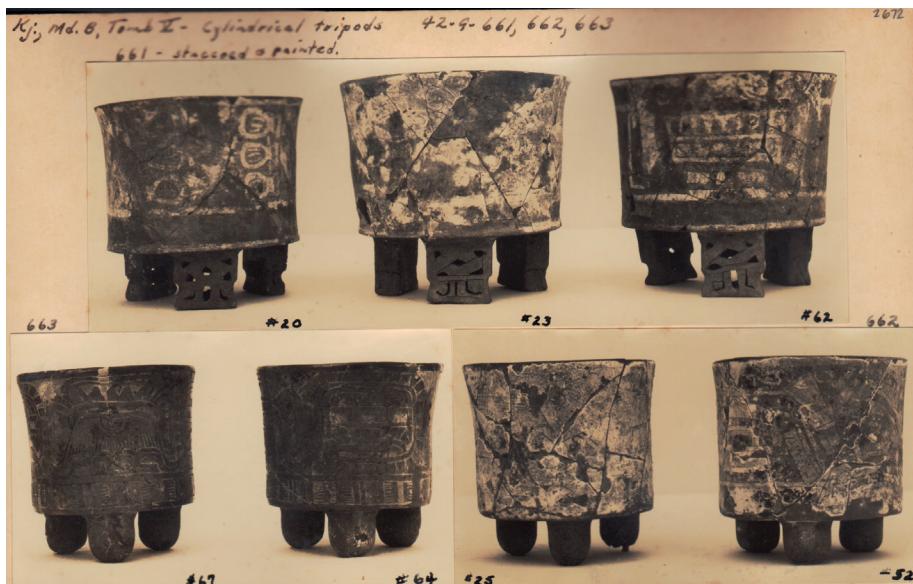
Fases	Datas Aproximadas
Metepec	550 d.C. – 650 d.C.
Xolapan Tardio	450 d.C. – 550 d.C.
Xolapan Inicial	350 d.C. – 450 d.C.
Tlamimilolpa Tardio	250 d.C. – 350 d.C.
Tlamimilolpa Inicial	170 d.C. – 250 d.C.
Miccaotli	100 d.C. – 170 d.C.
Tzacualli	1 d.C. – 100 d.C.
Patlachique	100 a.C. – 1 d.C.

Nota. Adaptado de “State and Society at Teotihuacan, Mexico” de G. L. Cowgill, 1997, p. 131; “Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico” de G. L. Cowgill, 2015, p. 11.

Durante a fase Tlamimilolpa Tardio, as vasilhas cilíndricas trípodes são, em sua maioria, altas (cerca de 25 cm), polidas e sem decoração, de cor café-negra ou negra, e possuem suportes arredondados ou retangulares ocos (Rattray, 2001). Exemplares recuperados do Enterro 1 do conjunto Tlamimilolpa são, em contrapartida, pequenos (por vezes miniaturas); possuem paredes divergentes e, em sua maioria, suportes arredondados ou cônicos sólidos, e neles está presente a decoração incisa de motivos geométricos (Rattray, 2001). Para o período seguinte, denominado Xolapan Inicial e contemporâneo à fase Esperanza em Kaminaljuyu, Rattray (2001) divide os vasos cilíndricos em três grupos, de acordo com seus acabamentos. O primeiro é o dos monocromáticos polidos, caracterizados por possuírem paredes retas, baixas (entre 12 e 14 cm) e com leve divergência entre a base e a boca; a presença de tampas e pestanas basais é comum; têm pasta cerâmica escura, do negro lustroso ao café avermelhado; e seus suportes podem ser ocos, de forma cilíndrica,

arredondada ou retangular. O segundo grupo é formado por aqueles vasos que possuem decoração incisa em plano-relevo, que frequentemente representa figuras humanas ou motivos geométricos intrincados. E por último, as vasilhas com decoração estucada e pintada que, segundo Cynthia Conides (2001), podem apresentar suporte em ameia (Fig. 7).

Figura 7 – Vasilhas importadas de Teotihuacan, Tumba I, Montículo B, Kaminaljuyu.



Fonte: (Archivo Edwin M. Shook, foto nº 2672. Archivo Documental Socio-cultural, Centro de Investigaciones Arqueológicas y Antropológicas, Universidad del Valle de Guatemala.)

A imensa maioria das vasilhas cilíndricas trípodes encontradas em Kaminaljuyu foram localizadas nas tumbas dos Montículos A e B. Ao todo, 67 dessas vasilhas foram ali recuperadas, das quais apenas oito teriam sido manufaturadas em Teotihuacan (Demarest & Fojas, 1993; Kidder, Jennings, & Shook, 1946). Todas as demais seriam cópias e variações locais ou são provenientes de outras localidades. A origem de alguns desses exemplares foi apontada como a região da Alta Verapaz, da Costa do Pacífico e de olarias locais de Kaminaljuyu por meio de análise química (Reents-Budet, Bishop, Valdés & Blackman, 2006).

A edificação desses dois montículos foi realizada em um período de não mais de um século. O Montículo A era composto por oito fases construtivas sobrepostas, associadas a seis tumbas de personagens importantes, enquanto no Montículo B foram desveladas cinco fases construtivas, seis tumbas e oito sepulturas menores (Kidder, Jennings, & Shook, 1946, 1946). Admite-se que as vasilhas cilíndricas trípodes tenham sido fabricadas ou importadas especialmente para seu uso ritual e funerário em Kaminaljuyu, já que não foram encontradas em contextos domésticos ou em áreas de descarte, como mencionado anteriormente.

É importante ressaltar que as últimas duas fases construtivas dos Montículo A e B (estruturas A-7, A-8, B-4 e B-5) apresentavam o perfil arquitetônico talude-tablero (Fig. 8). Característico de Teotihuacan, distingue-se pela presença de um talude inclinado sobreposto por um plano elevado (Navarro, 2013). Outro elemento visto como diagnóstico da presença teotihuacana são as vasilhas do tipo alaranjado-fina, recuperadas em quantidade inexpressiva – apenas 16 – das tumbas de Kaminaljuyu (Demarest & Foias, 1993).

Figura 8 – Perfil arquitetônico talude-tablero. Acrópole, Zona Arqueológica de Kaminaljuyu, Guatemala.



Fonte: (Fotografia: Fernando Pesce, 2016).

Por meio do contexto arqueológico temos acesso apenas ao lugar de deposição desses objetos nas tumbas, descrito de forma exaustiva por Kidder, Jennings e Shook (1946). No entanto, como enuncia Matilde Ivic de Monterroso (2011, p. 181), podemos “preencher os espaços que os artefatos arqueológicos deixam para a imaginação” se traçarmos um paralelo entre esse contexto e os relatos etnohistóricos. Apesar de sua disjunção temporal, esse tipo de documentação oferece uma narrativa vívida que, além de se assemelhar aos padrões encontrados nas tumbas de Kaminaljuyu, nos permite conjecturar sobre a mobilidade desses objetos até seu destino funerário.

O frei dominicano Bartolomé de las Casas oferece uma descrição oportuna dos costumes funerários da região da Alta Verapaz na obra *Apologética Historia de las Indias*, escrita na primeira metade do século XVI. Las Casas detalha a maneira como se preparava o corpo do governante para a cerimônia de sepultamento, a presença de familiares, aliados e escravizados, que seriam sacrificados e acompanhariam o defunto, e a deposição de oferendas e as formalidades realizadas pós-inumação:

Vestian luego el cuerpo de las mejores vestiduras y más ricas mantas que tenia, poniéndole y adornándolo de ciertas joyas de oro y piedras que habia dejado y apartado para que las enterrasen com él (...) poníanle un estrado donde lo asentaban, porque así se habia de enterrar. Para el dia del entierro ya eran venidos todos los que para él eran llamados y convidados, y de los señores amigos venia ó el señor, ó hermano del señor, ó otra persona de autoridad, y traia un esclavo ó esclava, ó ambos á dos, y vestidos y algunas piezas de oro para adornar el cuerpo del difunto, y cada uno hacia su razonamiento, consolando los vivos y mostrando el pesar y dolor que habian habido todos sus servidores y amigos, de su muerte. Todas las cosas que habian todos traído ali juntas, poníanselas sobre las que ya tenia, y asi, bien vestido, con muchas mantas dobladas y adornado con sus joyas, metíanlo en una caja hecha de piedras ó de madera, con su tapadera, en la cual podia él caber sentado en coquillas. Esta caja metian en la sepultura, que era una huesa ó hoyo hecho en las cumbres ó puntas de los collados altos y de las sierras. Luego, en muriendo el señor, le mataban los esclavos y esclavas que le habian de ir á servir. A los varones labradores poníanles los aparejos é instrumentos con

que hacian las sementeiras, y á los cazadores, para cazar, sus arcos y flechas, y así de los demás. A las mujeres, las piedras en que habian de moler el mahiz, las ollas para cocer ó guisar la comida, los cántaros y vasija para la bebida, platos y escudillas, etc. El señor puesto en la sepultura, la cara hacia la parte del Mediodia, tenida por ellos por más dichosa y feliz que la del Norte ó Ciercio, poníanle alrededor todos aquellos sirvientes y sirvientas muertos. Despues henchian todo el hoyo ó sepultura de tierra, sin que tocase uma migaja dela en el cuerpo del señor muerto, porque no podia, por estar en el ataúd ó caja de piedra ó de madera cubierta; despues, encima de la sepultura hacian un altarito de obra de un codo alto, de cal y piedra, muy bien blanqueado, en el cual quemaban muy ordinariamente incienso y ofrecian otros sacrificios (Las Casas, 1909, pp. 629-630).

As tumbas dos Montículos A e B apresentam muitos paralelos com o relato de Las Casas (Fig. 9). Ressaltam-se as semelhanças observadas no preparo e posição dos corpos, a presença de vítimas de sacrifício e oferendas, a atividade construtiva pós-enterro e a queima de incenso. Segundo Kidder, Jennings e Shook (1946), o ocupante principal das tumbas estava ricamente ataviado, em geral, com espelhos de pirita e pedras de jade; os restos mortais de adolescentes e mulheres, com pouco ou nenhum adereço, foram interpretados como vítimas de sacrifício. Com exceção das duas primeiras tumbas, o ocupante principal estava sentado, com as pernas cruzadas, mãos entre as pernas e voltado para o sul; há a presença de vestígios de esteiras e de liteiras de madeira em algumas tumbas, assim como pedras de moer em onze das doze tumbas. Alguma forma de atividade construtiva era realizada após o enterro, com a expansão ou construção de estruturas sobre as tumbas. Parte dos ritos pós-inumação envolvia a queima de incenso, evidenciada pela presença de superfícies queimadas nas plataformas dos montículos.

Figura 9 – Tumba IV, Montículo B, Kaminaljuyu.



Fonte: (Archivo Edwin M. Shook, foto nº 2383. Archivo Documental Socio-cultural, Centro de Investigaciones Arqueológicas y Antropológicas, Universidad del Valle de Guatemala.)

O trecho de Las Casas informa que muitos dos objetos enterrados não pertenciam ao falecido; eram oferendas depositadas por familiares e aliados que compareciam à cerimônia. Em seu relato dos costumes funerários do Vale de Petapa na Guatemala seiscentista, o cronista Francisco Antonio de Fuentes y Guzmán (1932) menciona que objetos de valor eram trazidos por familiares e súditos como forma de retribuição ao senhor morto. Ainda segundo a descrição de Las Casas, cabia às mulheres trazer as pedras de moer e utensílios cerâmicos como pratos, panelas e vasilhas. Estabelece-se aí uma relação de gênero entre os objetos depositados nas tumbas e as pessoas que os ofertaram.

J. Kathryn Josserand (2002) demonstrou, por meio da revisão dos hieróglifos e da iconografia, as várias funções e ações de mulheres da elite dentro da sociedade maia durante o Período Clássico. Tal como os governantes do sexo masculino, as mulheres eram responsáveis pela formação de laços de

parentesco, alianças comerciais e militares por meio de casamentos. A presença de mulheres governantes não é estranha na área maia: já se atesta que sua autoridade era idêntica à dos governantes homens, de modo que comandavam de forma independente, guerreavam e tomavam parte nos mesmos rituais (Reese-Taylor, Mathews, Guernsey, & Fritzler, 2009). Ainda que não se possa afirmar de forma categórica que a deposição de objetos cerâmicos tenha sido realizada por mulheres em Kaminaljuyu, a presença de pedras de moer pode sugerir a participação de mulheres das elites nos rituais funerários.

Entre as elites mesoamericanas, as tradições cerâmicas possuíam uma função que ia além da utilitária: carregavam significados simbólicos importantes. As cerâmicas em estilos estrangeiros enviavam mensagens de afiliações políticas e econômicas que eram reconhecíveis por emissores e destinatários, e quanto mais reconhecível o estilo, maior valor social e eficácia política possuía o objeto (Reents-Budet, 1994). Desse modo, podemos interpretar as vasilhas cilíndricas trípodes como objetos que denotam a identificação de laços políticos entre as elites de Kaminaljuyu e Teotihuacan. Elas conectavam seus portadores a locais próximos ou distantes, e para aqueles que tomavam parte das cerimônias funerárias, serviam como mostra de seu poder e riqueza. A forma das vasilhas, mesmo as fabricadas localmente ou em regiões adjacentes, assegurava sua associação à importância política e militar de Teotihuacan por meio da emulação praticada pelas elites de Kaminaljuyu (Demarest & Foias, 1993; Pesce, 2018).

Muitas das vasilhas recuperadas em Kaminaljuyu apresentam diferenças notáveis com sua contraparte teotihuacana. Quando observamos os vasos estucados e pintados percebemos que, com exceção dos exemplares oriundos do centro do México, o restante apresenta traços morfológicos e estilo maia na iconografia (Fig. 10). Ao todo, 11 vasilhas estucadas e pintadas exibem essas características, sendo mais altas e com diâmetro menor do que os espécimes teotihuacanos descritos por Rattray: medem entre 24 e 31 cm de altura, possuem paredes curvo-divergentes e suportes retangulares ocos com perfurações (Pesce, 2018). Recuperadas das tumbas A-VI e B-II, sugere-se que teriam sido produto de uma mesma escola de ceramistas (Kidder, Jennings, & Shook, 1946).

Figura 10 – Vasilha cilíndrica trípode, Tumba II, Montículo B. Kaminaljuyu, Fase Esperanza (400 – 550 d.C.). Cerâmica negra estucada e pintada, 30 cm de altura, MUNAE 2574, Museo Nacional de Arqueología y Etnología, Guatemala.



Fonte: (Fotografia: Fernando Pesce, com a autorização do Ministério de Cultura y Deportes de Guatemala, 2016.)

Jesper Nielsen (2003, p. 172) observa nesse conjunto um processo de “maianização” da forma cilíndrica trípode. Ainda que não se conheça a língua ou etnia da população de Kaminaljuyu, que possivelmente tinha vocação cosmopolita, tem se considerado a semelhança de estilos artísticos presentes na escultura e na cerâmica do sítio para situá-lo na esfera de relações da cultura maia (Henderson, 2013). Para além de Kaminaljuyu, vasos cilíndricos trípodes recuperados em outras cidades da área maia também apresentam traços de adaptação e inovações locais, somados a uma estética híbrida de conceitos físicos e visuais maias e teotihuacanos (Schaeffer, 2019).

A função funerária das vasilhas cilíndricas trípodes delimitou seu lugar final de ativação em contexto pré-hispânico. Ao final da fase Esperanza, os Montículos A e B perderam sua importância ceremonial; a interrupção de novos enterros e atividades construtivas indica que o conjunto caiu em desuso. A emulação de estilos teotihuacanos na arquitetura é abandonada, com novos complexos construídos segundo os cânones locais

(Michaels, 1979). Observou-se nas fases seguintes a mutilação e sobreposição de construções novas sobre os antigos edifícios em tablero-talude (Cheek, 1977b). A evidência cerâmica de fases posteriores indica que os arredores dos montículos foram ocupados por moradias simples até o final do período Clássico; esses novos residentes recorreram aos montículos como fonte de matéria-prima para novas construções (Kidder, Jennings, & Shook, 1946).

RECUPERAÇÃO ARQUEOLÓGICA E MUSEALIZAÇÃO

As vasilhas permaneceram ocultas, inumadas junto aos senhores e sacrificados durante quase 1400 anos. Sua redescoberta moderna aconteceu em 1935, quando uma associação de futebol que realizava seus treinos na fazenda Esperanza procurou adequar o tamanho do campo às medidas oficiais. Acontece que o campo estava situado entre os dois montículos pré-hispânicos, revelados durante as obras de nivelamento (Kidder, Jennings, & Shook, 1946). A obra chamou a atenção de um vizinho, Carlos Villacorta, filho do então Ministro da Educação Antonio Villacorta, ambos pioneiros no estudo da arqueologia na Guatemala (Fig. 11).

Figura 11 – Vista sul do Montículo B, ao fundo encontra-se o comércio e residência de Carlos Villacorta.



Fonte: (Archivo Edwin M. Shook, foto nº 2570. Archivo Documental Sociocultural, Centro de Investigaciones Arqueológicas y Antropológicas, Universidad del Valle de Guatemala.)

A escavação dos dois montículos ficou a cargo da Instituição Carnegie de Washington, realizada em três temporadas de campo em 1936, 1937 e 1941-1942 (Fig. 12). Foram necessários outros cinco anos para processar todo o material recolhido. De início, o projeto da Instituição Carnegie fora pensado como um estudo de sequências estratigráficas, a fim de estabelecer a cronologia do sítio, mas se tornou um projeto de salvamento arqueológico (Kidder, Jennings, & Shook, 1946). Foi somente a partir desse projeto que o sítio recebeu o nome de Kaminaljuyu. As diversas investigações realizadas até então não compreendiam que as estruturas encontradas nas diversas propriedades rurais da região faziam parte do mesmo grande sítio arqueológico. As fases cerâmicas de Kaminaljuyu, por sua vez, foram nomeadas de acordo com o local primeiro de sua identificação no registro arqueológico.

Figura 12 – Trabalho de escavações no Montículo B de Kaminaljuyu, em primeiro plano o arqueólogo Alfred V. Kidder.



Fonte: (Archivo Edwin M. Shook, foto nº 2642. Archivo Documental Sociocultural, Centro de Investigaciones Arqueológicas y Antropológicas, Universidad del Valle de Guatemala.)

Terminado o trabalho de análise, 58 das 67 vasilhas cilíndricas trípodes recuperadas durante as escavações foram

consignadas ao Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia da Guatemala (Pesce, 2018), à época instalado na Casa de Chá do Parque Aurora. Toda a coleção do MUNAE seria transferida em 1948 para o Salão nº 5 do mesmo parque, edifício que abriga o museu até o presente (Luján Muñoz, 1972). Fernando Pesce (2018) comparou os dados disponíveis sobre as exposições do museu na literatura e as fichas catalográficas das vasilhas, para formar uma ideia sobre como e quais desses objetos estavam expostos e que função cumpriam no discurso expositivo.

Stephan de Borhegyi (1953) informa que, durante a década de 1950, a coleção do MUNAE estava disposta em seis salas principais, divididas igualmente entre arqueologia e etnologia. O destaque da primeira sala eram as culturas que se desenvolveram no altiplano central da Guatemala, em especial o sítio de Kaminaljuyu. Durante esse período, catorze vasilhas estiveram em exposição, provavelmente selecionadas pois estavam mais bem conservadas e possuíam algum tipo de decoração; na maioria dos casos eram estucadas e pintadas (Pesce, 2018).

A presença desses objetos vistosos confirma as reflexões de Marta Elena Casaús Arzú (2012), para quem o museu em seus primeiros anos de funcionamento estava reduzido a um mostreiro de riquezas arqueológicas do passado maia. Poderíamos estender essa reflexão aos anos 1950, já que o objetivo principal da direção do museu no período era “exibir os espécimes mais interessantes e artísticos da cultura dos antigos e modernos indígenas maias da Guatemala” (Borhegyi, 1953, p. 3).

Segundo Dora de González (1996), o museu esteve aberto com essa configuração até 1972, quando problemas estruturais do edifício迫使了其关闭。A reabertura ao público ocorreria em 1977, mas a montagem total se concluiu apenas em 1980. As diversas transformações e a pouca informação disponível sobre as exposições realizadas no MUNAE nos impedem de recuperar a disposição das vasilhas em novas montagens. O mais recente destino foi a já mencionada exposição *Ciclos de Vida en Kaminaljuyu*, onde as vasilhas denotavam o intercâmbio com regiões distantes.

As nove vasilhas restantes que completam o conjunto acabaram enviadas ao Museu Peabody, da universidade de Harvard, com o consentimento do governo guatemalteco (Kidder, Jennings, & Shook, 1946). Ao longo dos anos, parte das vasilhas empreenderam suas próprias trajetórias, circulando

em contextos museológicos fora da Guatemala. Duas delas foram emprestadas por dez anos à Universidade de Tulane, na Luisiana, já em 1948 (Pesce, 2018). Outras fizeram parte da grande exposição itinerante *Lords of Creation: the origins of Sacred Maya Kingship*, organizada pelo Los Angeles County Museum entre 2005 e 2006, com passagens pelo Museu de Arte de Dallas e pelo Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque (Fields & Reents-Budet, 2005).

Podemos perceber ao longo do itinerário das vasilhas cilíndricas trípodes como, em diferentes temporalidades e contextos, esses objetos acumularam memórias e histórias. O uso e a interpretação que se fizeram desses objetos esteve sempre condicionada, em tempos antigos e modernos, pelo presente momento em que estiveram ativos. Pedro Paulo Funari (2003) ressalta como os objetos adquirem um papel de mediadores das atividades humanas, indicando as relações sociais estabelecidas nas sociedades em que foram produzidos ou apropriados. Em contexto pré-hispânico, sinais de prestígio e poder emanam das vasilhas por sua associação à Teotihuacan. Da mesma maneira, eles podem determinar comportamentos específicos e relações de gênero, dada a possibilidade de sua deposição por mulheres nas tumbas.

Ainda segundo Funari (2003), quando reintegrados a contextos culturais em funcionamento, os objetos arqueológicos ganham novas funções e são novamente ativados como mediadores. Nas exposições analisadas neste texto, observa-se a valorização e o juízo estético das peças para sua exibição pública, bem como as interpretações acadêmicas mais recentes desses objetos como símbolo do intercâmbio inter-regional na Mesoamérica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos apresentar, a partir da discussão da biografia das coisas, considerações sobre a aplicação de uma nova metáfora – itinerário – como metodologia possível de análise para a História da Arte. Por meio do estudo de caso das vasilhas cilíndricas trípodes de Kaminaljuyu, buscou-se não só demonstrar a validade desse método, mas explorar como esses objetos, que acumularam histórias nos diferentes contextos em que estiveram ativos, são mostras de seu papel mediador das atividades humanas; uma compreensão que pode se estender a toda a cultura material.

Com este artigo procuramos ressaltar aspectos teórico-metodológicos que possibilitam um novo olhar para objetos de arte ameríndia, em particular provenientes de contexto arqueológico, desde uma perspectiva multidisciplinar entre História da Arte, Arqueologia e Antropologia. Expandir esses horizontes disciplinares não é tarefa fácil ou recente, porém proporciona uma maior inclusão e diversificação de objetos, temas e abordagens desenvolvidas por pesquisadores das referidas áreas.

No Brasil, ainda é uma novidade a pesquisa voltada para a arte não-europeia, que vem, aos poucos, ganhando espaço no âmbito acadêmico. A importância da arte não-europeia está em mostrar o quão humanos somos todos, a prescindir de origens e tradições, acomunados pela cooperação, para lembrar o filósofo lusófono do século XVII, Bento Espinosa, o Betinho, para seus familiares. Se tivermos contribuído um grão para isso, já estaremos felizes e recompensados. Em tempo de tanta tristeza, ódio, necropolítica e desprezo pela vida, alheia e própria, este artigo pode ser um grão de areia apenas, mas tanto mais poderá ser relevante quanto outros se juntarem pela vida em comum. Ambição imensa, mas necessária, mesmo a partir de um simples artigo.

REFERÊNCIAS

- Appadurai, A. (2008). Introdução: mercadorias e a política de valor. Em A. Appadurai. (Org.). *A vida social das coisas: a mercadoria sob uma perspectiva cultural* (pp. 15-88). Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. (Obra original publicada em 1986).
- Ball, J. W. (1983). Teotihuacan, the Maya, and Ceramic Interchange: A Contextual Perspective. In A. G. Miller (Ed.). *Highland-Lowland Interaction in Mesoamerica: Interdisciplinary Approaches* (pp. 125-146). Washington D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection.
- Borhegyi, S. F. (1953). Instalación del material etnológico y arqueológico en el Museo Nacional de Guatemala. *Antropología e Historia de Guatemala*, 5(2), 3-8.
- Casaús Arzú, M. E. (2012). Museo Nacional y museos privados en Guatemala: patrimonio y patrimonialización. Un siglo de intentos y frustraciones. *Revista de Indias*, 72(254), 93-130.

Certeau, M. de. (2014). *A invenção do cotidiano: artes de fazer.* Petrópolis: Vozes.

Cheek, C. D. (1977a). Excavations at the Palangana and the Acropolis, Kaminaljuyu. In W. T. Sanders & J. W. Michels. (Ed.). *Teotihuacan and Kaminaljuyu* (pp. 1-204). College Park: Pennsylvania State University Press.

Cheek, C. D. (1977b). Toward a Systematic Explanation of the Culture Change within the Middle Classic Period of the Valley of Guatemala. In W. T. Sanders & J. W. Michels (Ed.). *Teotihuacan and Kaminaljuyu* (pp. 411-440). College Park: Pennsylvania State University Press.

Conides, C. A. (2001). *The Stuccoed and Painted Ceramics from Teotihuacan, Mexico: A study of authorship and function of works of art from an ancient Mesoamerican city* (Ph.D. Thesis). Columbia University, New York, NY, United States of America.

Cowgill, G. L. (1997). State and Society at Teotihuacan, Mexico. *Annual Review of Anthropology*, 26(1), 129-161.

Cowgill, G. L. (2015). *Ancient Teotihuacan: Early Urbanism in Central Mexico*. New York: Cambridge University Press.

Crasborn Chavarría, J. (2006). Kaminaljuyu: destrucción, investigación y estado actual. *Utz'ib*, 3(10), 1-40.

DaMatta, R. (1981). *Relativizando, uma introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes.

Demarest, A. A., & Foias, A. E. (1993). Mesoamerican Horizons and the Cultural Transformations of Maya Civilization. In D. S. Rice (Ed.). *Latin American Horizons* (pp. 147-192). Washington D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection.

Fash, W. L., & Fash, B. W. (2000). Teotihuacan and the Maya: A Classic Heritage. In D. Carrasco. (Ed.). *Mesoamerica's Classic Heritage: From Teotihuacan to the Aztecs* (pp. 433-464). Boulder: University Press of Colorado.

Fields, V. M., & Reents-Budet, D. (Org.). (2005). *Lords of Creation: The Origins of Sacred Maya Kingship*. London: Scala Publishers Limited.

Foias, A. (2001). Kaminaljuyu. In D. Carrasco (Ed.) *The Oxford Encyclopedia of Mesoamerican Cultures* (pp. 79-85). New York: Oxford University Press.

Fuentes y Guzmán, F. A. de. (1932). *Recordación Florida: discurso historial y demonstración natural, material, militar y política del Reyno de Guatemala*. Guatemala: Sociedad de Geografía e Historia de Guatemala.

Funari, P. P. (2003). *Arqueología*. (2a ed.). São Paulo: Editora Contexto.

Gell, A. (1998). *Art and agency: an anthropological theory*. New York: Oxford University Press.

Gillespie, S. D. (2015). Journey's End (?): The Travels of La Venta Offering 4. In R. Joyce, & S. D. Gillespie. (Ed.) *Things in Motion: Objects Itineraries in Anthropological Practice* (pp. 39-62). New Mexico: School for Advanced Research Press.

González, D. (1996). Museo Nacional de Arqueología y Etnología. In *Piezas Maestras Mayas: Patrimonio del Museo Nacional de Arqueología y Etnología de Guatemala* (pp. 8-11). Guatemala: Fundación G&T.

Gosden, C., & Marshall, Y. (1999). The cultural biography of objects. *World archaeology*, 31(2), 169-178.

Grecco Pacheco, D., & Sellen, A. T. (2019). La historia de los artefactos itinerantes de la Plataforma de las Águilas y los Jaguares de Chichén Itzá, México. *Estudios de cultura maya*, 53, 11-44.

Hamann, B. (2002). The social life of pre-sunrise things: Indigenous Mesoamerican archaeology. *Current Anthropology*, 43(3), 351-382.

Henderson, L. R. (2013). *Bodies Politic, Bodies in Stone: Imagery of the human and the Divine in the Sculpture of Late Preclassic Kaminaljuyú, Guatemala*. (Ph.D. Thesis). University of Texas at Austin, Austin, TX, United States of America.

Hodder, I. (2012). *Entangled: an archaeology of the relationships between humans and things*. Chichester: John Wiley & Sons.

Holtorf, C. (2002). Notes on the life history of a pot sherd. *Journal of material culture*, 7(1), 49-71.

Houston, S. D. (2014). *The life within: Classic Maya and the matter of permanence*. New Haven: Yale University Press.

Houston, S., & Stuart, D. (1998). The ancient Maya self: personhood and portraiture in the Classic period. *RES: Anthropology and Aesthetics*, 33(1), 73-101.

Ingold, T. (2011). *Being alive: Essays on movement, knowledge and description*. London and New York: Routledge.

Ivic de Monterroso, M. (2011). La Recordación Florida ¿Una fuente de información o un pantano de confusión?. In H. Cabezas Carcache (Ed.). *Cosmovisión Mesoamericana* (pp. 151-182). Guatemala: Universidad Mesoamericana.

Josserand, J. K. (2002). Women in Classic Maya hieroglyphic texts. In T. Ardren. (Ed.). *Ancient Maya Women* (pp. 114-151). Walnut Creek: Altamira Press.

Joy, J. (2009). Reinvigorating object biography: reproducing the drama of object lives. *World archaeology*, 41(4), 540-556.

Joyce, R. (2015). Things in Motion: Itineraries of Ulua Marble Vases. In R. Joyce, & S. D. Gillespie. (Ed.). *Things in Motion: Objects Itineraries in Anthropological Practice* (pp. 21-38). New Mexico: School for Advanced Research Press.

Joyce, R., & Gillespie, S. D. (2015). Making Things out of Objects That Move. In R. Joyce, & S. D. Gillespie. (Ed.). *Things in Motion: Objects Itineraries in Anthropological Practice* (pp. 3-20). New Mexico: School for Advanced Research Press.

Kidder, A. V., Jennings, J. D., & Shook, E. M. (1946). *Excavations at Kaminaljuyu, Guatemala* (Carnegie Institution of Washington Publication 561). Washington D.C.: Carnegie Institution of Washington.

Kopytoff, I. (2008). A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In A. Appadurai (Org.). *A vida social das coisas: a mercadoria sob uma perspectiva cultural* (pp. 89-124). Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. (Obra original publicada em 1986).

Las Casas, B. (1909). *Apologética Historia de las Indias*. Madri: Bailly, Bailliere e hijos.

Luján Muñoz, L. (1972). Historia de la arqueología en Guatemala. *América Indígena*, 32(2), 353-376.

Meskell, L. (2013). Dirty, Pretty Things: On Archaeology and Prehistoric Materialities. In: P. N. Miller. (Ed.). *Cultural Histories of the Material World* (pp. 92-107). Ann Arbor: University of Michigan Press.

Michaels, J. W. (1979). *The Kaminaljuyu Chiefdom*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press.

Millon, R. (Ed.). (1973). *Urbanization at Teotihuacan, Mexico*. Austin and London: University of Texas Press.

Navarro, A. G. (2013). *Breve História da Arquitetura Maia*. São Luís: Café & Lápis/EDUFMA.

Nielsen, J. (2003). *Art of the Empire: Teotihuacan Iconography and Style in Early Classic Maya Society (AD 380-500)* (Ph.D. Thesis). University of Copenhagen, Copenhagen, Denmark.

O'Neil, M. E. (2014). *Engaging Ancient Maya Sculpture at Piedras Negras, Guatemala*. Norman: University of Oklahoma Press.

Pesce, F. D. M. (2018). *A Cidade dos Deuses e as Colinas dos Mortos: interação entre as elites de Teotihuacan e Kaminaljuyu* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Rattray, E. C. (2001). *Teotihuacan: cerámica, cronología y tendencias culturales*. México: INAH/University of Pittsburg.

Reents-Budet, D. (1994). *Painting the Maya Universe: Royal Ceramics of the Classic Period*. Durham and London: Duke University Press.

Reents-Budet, D., Bishop, R. L., Valdés, J. A., & Blackman, J. (2006). La cerámica de Kaminaljuyu: nuevos datos químicos. In J.P. Laporte, B. Arroyo, H. Escobedo & H. Mejía. (Ed.). *XIX Simposio de investigaciones Arqueológicas en Guatemala* (pp. 171-176). Guatemala: Museo Nacional de Arqueología y Etnología.

Reese-Taylor, K., Mathews, P., Guernsey, J., & Fritzler, M. (2009). Warrior Queens among the Classic Maya. In H. Orr, & R. Koontz. (Org.). *Blood and Beauty: Organized Violence in the Art and*

Archaeology of Mesoamerica and Central America (pp. 39-72). Santa Fe: The Cotsen Institute of Archaeology.

Schaeffer, D. B. (2019). Reframing the Tripod: A Foreign Form Adopted by the Early Classic Maya. In J.D. Englehardt, & M. D. Carrasco (Ed.). *Interregional interaction in ancient Mesoamerica* (pp. 149-175). Boulder: University Press of Colorado.

Schávelzon, D., & Rivera Grijalba, V. (1987). La destrucción de Kaminaljuyú. *Mesoamérica*, 14, 535-553.

Shibata, S. (1994). Investigación Arqueológica en el Edificio Chay (D-III-1), Kaminaljuyu. In K. Ohi. (Org.). *Kaminaljuyu* (pp. 415-438). Tokyo: Museo de Tabaco y Sal.

Shook, E. M., & Hatch, M. P. (1999). Las Tierras Altas Centrales: Períodos Preclásico y Clásico. In J. L. Muñoz & H. Alberto (Org.). *Historia General de Guatemala* (Tomo I. pp. 289-318). Guatemala: Asociación de Amigos del País/Fundación para la Cultura y el Desarrollo.

Tremain, C. G., & Yates, D. (Ed.). (2019). *The Market for Mesoamerica: Reflections on the Sale of Pre-Columbian Antiquities*. Gainesville: University Press of Florida.

Viveiros de Castro, E. (1996). Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, 2(2), 115-144.

Wobst, H. M. (1977). Stylistic behavior and information exchange. In C. E. Cleland (Ed.). *For the director: research essays in honor of James B. Griffin* (pp. 317-342). Anthropological Papers 61. Ann Arbor: University of Michigan Museum of Anthropology.